

UMA LEITURA ETNOPSICANALÍTICA DO MITO “OS IBEJIS ENGANAM A MORTE”

João Victor Casimiro de Oliveira, Heloísa Cordeiro Pereira de Jesus
(PIBIC/CNPq/FA/UEM), Eliane Domingues (Orientadora), Paulo José da Costa
(Coorientador). E-mail: ra133302@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES.
Ciências Humanas (70000000); sub-área: Psicologia (70700001)

Palavras-chave: Mito; Ibejis; Pulsões.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma leitura etnopsicanalítica do mito “Os Ibejis enganam a morte”, que está presente no livro Mitologia dos Orixás de Reginaldo Prandi (2001). A narrativa conta a história dos Orixás gêmeos Ibejis que, através da criatividade, da alegria e da ludicidade, conseguem ludibriar Iku (a morte), impedindo que esta levasse os humanos antes da hora. Nesse mito, os Ibeji utilizam cantigas, danças, brincadeiras e o toque do tambor para distrair Iku e conseguir com que ela desistisse das suas ações. Para a análise da obra, foram considerados aspectos da cultura iorubá, das tradições de terreiro e da mitologia grega, que se relacionassem com a história, articulando-os com conceitos da psicanálise. No campo da psicologia, foi utilizada a teoria de Freud (1920/2010) a respeito dos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, entendidos como forças fundamentais que, respectivamente, promovem a preservação e a continuidade da vida ou conduzem à destruição e ao retorno ao estado inorgânico. Desse modo, no mito, as ações dos Ibeji representam a prevalência da pulsão de vida, expressa na figura dos irmãos, enquanto Iku simboliza a pulsão de morte e a inevitabilidade do fim.

INTRODUÇÃO

O mito “Os Ibeji enganam a morte”, publicado no livro Mitologia dos Orixás de Reginaldo Prandi (2001), é uma narrativa da cultura iorubá que retrata a história dos irmãos gêmeos Ibeji. Ambos viviam tocando seus tambores mágicos, presentes de Iemanjá. Na mesma época, Iku (a morte) colocara armadilhas espalhadas e estava levando as pessoas antes de seu tempo; então os gêmeos foram atrás dela. Enquanto um dos irmãos andava pela trilha tocando seu tambor, o outro ia pelo mato escondido. Iku ficou encantada com a música, não quis que o menino morresse, avisou sobre a armadilha, e se pôs a dançar. Quando um irmão cansava, era substituído pelo outro, sem que ela percebesse, e assim a música jamais cessava. A

Morte dançava sem descanso, até se esgotar e implorar por uma pausa. Nesse momento, os Ibeji propuseram um pacto, exigindo que todas as armadilhas fossem retiradas em troca do fim da música. Sem alternativa, Iku rendeu-se; e assim os gêmeos salvaram a humanidade. Nesse sentido, percebe-se uma valorização da criatividade, da música e da brincadeira como estratégias para enfrentar a finitude (a morte), incorporando o toque do tambor, que é um elemento da ritualística iorubá. Para uma análise mais aprofundada, este estudo articula sua interpretação com conceitos de Sigmund Freud (1920/2010), por ele chamados de pulsão de vida e pulsão de morte, entendidas como forças psíquicas opostas que coexistem na experiência humana. Este trabalho insere-se no campo das pesquisas em etnopsicanálise, ao utilizar, além da teoria freudiana, elementos da cultura iorubá para interpretação da narrativa. Por fim, o objetivo principal é examinar como o mito expressa o embate entre a pulsão de vida e pulsão de morte, evidenciando características dos personagens mitológicos que se associam a essas duas forças.

MATERIAIS E MÉTODOS

A principal fonte utilizada foi o livro “Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi (2001), no qual encontra-se o mito discutido “Os Ibejis enganam a morte”. O primeiro passo foi buscar estudos sobre Eros e Tânatos, tendo em vista que essas duas figuras da mitologia grega são nomeadas na teoria freudiana das pulsões, bem como de que forma era possível relacioná-los com a figura dos Ibejis, utilizando-se para isso os livros “Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega” em suas versões de 1991 e de 2008. Complementarmente, foram pesquisadas informações sobre a cultura iorubá e afro-brasileira, em busca de referências acerca da figura dos dois irmãos Orixás, e o que eles representam na cultura a qual pertencem. Um dos artigos encontrados e que foi utilizado na pesquisa é “Ibeji: o arquétipo dos gêmeos na tradição afro-brasileira” (Salles, 2021). Além disso, foi realizado o estudo da teoria de Sigmund Freud (1920/2010) que aborda os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, o texto “Além do Princípio do Prazer”. Por fim, após toda a leitura teórica, foi realizada a conexão entre os diferentes elementos da pesquisa, inicialmente comparando Eros e Tânatos com o Ibejis, posteriormente o dois Orixás em relação às pulsões de vida e de morte e, depois, a interpretação da narrativa do mito sob uma ótica psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud propõe que a vida psíquica do ser humano é uma constante luta dinâmica entre duas espécies de pulsões. A essas duas forças, o autor dá o nome de Pulsão de Vida, a qual é associada à divindade grega Eros, responsável por impulsionar o sujeito à conservação, ao vínculo e à reprodução da vida; e Pulsão de Morte, ligada à ilustração grega Tânatos, que conduz à destruição, à repetição e ao retorno ao estado inorgânico (morte). (Freud, 1920/2010)

No que toca à divindade grega Eros, há algumas variantes quanto ao seu nascimento. Em algumas teorias está descrito que ele nasceu do Caos, junto com

Géia e Tártaro, enquanto em outras, surge de um ovo posto pela deusa Nix (Deusa da Noite). Apesar disso, é considerado o princípio fundamental do universo, garantindo não somente a continuidade das espécies, mas a coesão interna do cosmo. Para Brandão (1991), Eros representa ainda a união dos opostos, sendo o amor a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação.

Em relação à Tânetos, na versão descrita por Brandão (2008), este deus faz parte da árvore genealógica de Nix (Deusa da Noite), que o gerou através de partenogênese, e ficou conhecido como A Morte. De acordo com algumas variações etimológicas, a palavra Tânetos advém de raiz indo-europeia e pode significar “dissipar-se, extinguir-se, tornar-se sombra”. Nesse caso, o sentido da Morte grega aqui seria “ocultar-se, ser como uma sombra”, não mais que um corpo insubstancial. Além disso, é a divindade que introduz as almas no mundo dos mortos, relacionando-se com os ritos de passagem.

Se na mitologia grega Eros e Tânetos figuram a criação e a morte, em sua teoria Freud os elabora como princípios fundamentais do funcionamento humano. Nesse sentido, as divindades passam a ser compreendidas como representações de forças, a pulsão de vida, voltada à preservação, ao vínculo e à continuidade; e a pulsão de morte, que tende à repetição, à destrutividade e ao retorno ao inorgânico. Nesse contexto, ao colocar a teoria freudiana lado a lado com a mitologia iorubá, nesta pesquisa em questão representada pelas figuras dos Ibejis e Iku, torna-se possível traçar paralelos entre essas concepções, percebendo-se como ambas as visões, cada qual à sua maneira, tratam de forças antagônicas e complementares que atravessam a vida humana. Freud (1920/2010) descreve a pulsão de vida como a força responsável pela preservação da vida, pela união entre os seres, pela reprodução e pela continuidade da existência. Sob essa perspectiva, os Ibeji simbolizam a potência criadora e agregadora, associados à fertilidade, à renovação e ao nascimento (Salles, 2021). Assim, fica visível que os Orixás gêmeos são a própria representação da pulsão de vida.

A pulsão de morte, por sua vez, é uma força silenciosa e regressiva, que tende à inércia, ao desligamento, à dissolução das tensões e ao retorno ao estado inorgânico. Freud (1920/2010) a descreve como uma tendência intrínseca da vida a retornar ao estado anterior à excitação, uma força que age em oposição à pulsão de vida. No âmbito da mitologia iorubá, a responsável por levar todos os seres vivos num tempo determinado é Iku, a morte. De acordo com o mito, “Obatalá criou Iku” (Prandi, 2001). Percebe-se que a criação de Iku e a atribuição de seu papel no mundo funciona, portanto, como uma medida reguladora, uma resposta à desmedida humana, o que aproxima essa figura da concepção freudiana da pulsão de morte como uma força que atua para pôr fim à repetição excessiva, ao ciclo do desejo e da ação, ao excesso de movimento que ameaçou a coesão do sujeito e, por isso, tem por objetivo reconduzir os organismos vivos ao estado inanimado.

Por fim, observa-se que o confronto narrado no mito expressa a tensão entre essas forças, onde a vitalidade (Ibejis) não elimina a morte (Iku), mas consegue adiar sua ação. Essa interpretação dialoga com a concepção freudiana de que a vida é atravessada por um equilíbrio instável entre pulsões opostas.

CONCLUSÕES

O mito “Os Ibeji enganam a morte” evidencia, em sua narrativa, a concepção freudiana de que a vida é atravessada por um equilíbrio instável entre pulsões opostas. Na história, a pulsão de vida encontra-se representada na figura dos Orixás gêmeos Ibejis, enquanto a pulsão de morte se expressa na figura de Iku. A análise permitiu articular elementos da tradição cultural iorubá com conceitos psicanalíticos, reconhecendo no mito tanto um registro religioso quanto uma representação das forças psíquicas descritas por Freud (1920/2010). Desse modo, ao ressaltar a prevalência temporária da vida sobre a morte, o mito permite compreender de forma mais visível a tensão permanente entre Eros e Tânatos.

AGRADECIMENTOS

À Eliane Domingues, pelas orientações, pela indicação para à pesquisa e por compartilhar seu conhecimento.

A Paulo José da Costa, por aceitar coorientar essa pesquisa e indicar leituras enriquecedoras.

À Fundação Araucária e ao CNPq, pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. d. S.. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. 1, Letras A-I. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1991.

BRANDÃO, J. d. S.. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 5a. ed. Vol. 2, Letras J-Z. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREUD, S. F. (1917-1920) - **Obras completas volume 14: "O homem dos lobos" e outros textos**. Traduzido por Paulo César de Souza. Editora Companhia das Letras. 19/03/2010.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. (9º reimpr.). São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

SALLES, A. d.. Ibeji: o arquétipo dos gêmeos na tradição afro-brasileira. In **Anais do 3º Encontro Internacional de História e Parcerias**. Rio de Janeiro, 2021.

Disponível em:

https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1636032663_ARQUIVO_d3033c35c892053a7eb183baa5e9b4f4.pdf.